

GEOFFREY
CHAUCER
CONTOS^{de}
CANTUÁRIA

Prefácio, tradução do inglês médio (Inglaterra) e notas
DANIEL JONAS

Introdução e cronologia
MÁRIO BRUNO PASTOR

Ilustrações
EDWARD BURNE-JONES



Índice

<i>Prefácio</i>	
Daniel Jonas	5
<i>Introdução: Chaucer e o poder da representação</i>	
Mário Bruno Pastor	17
<i>Cronologia</i>	
Mário Bruno Pastor	45
<i>Nota sobre a tradução</i>	
Daniel Jonas	51
<i>Nota do Editor</i>	
Hugo Xavier	57

CONTOS DE CANTUÁRIA

Fragmento I (Grupo A)

Prólogo Geral	61
Conto do Cavaleiro	87
Conto do Moleiro	157

CONTOS DE CANTUÁRIA

Conto do Feitor	179
Conto do Cozinheiro	195

Fragmento II (Grupo B¹)

Conto do Homem de Leis	203
----------------------------------	-----

Fragmento III (Grupo D)

Conto da Mulher de Bath	245
Conto do Frade	287
Conto do Cítador	301

Fragmento IV (Grupo E)

Conto do Estudante de Oxford	321
Conto do Mercador	373

Fragmento V (Grupo F)

Conto do Escudeiro	411
Conto do Senhor de Terras	435

Fragmento VI (Grupo C)

Conto do Médico	467
Conto do Perdoador	477

Fragmento VII (Grupo B²)

Conto do Marinheiro	499
Conto da Prioresa	513
Conto sobre Dom Topázio	525
Conto sobre Melíbeu	535

ÍNDICE

Conto do Monge	577
Conto do Padre da Freira	611

Fragmento VIII (Grupo G)

Conto da Outra Freira	631
Conto do Criado do Cónego	653

Fragmento IX (Grupo H)

Conto do Despenseiro	683
--------------------------------	-----

Fragmento X (Grupo I)

Conto do Pároco	695
---------------------------	-----

Aquí se despede do livro o seu autor [Retractação de Chaucer]	777
--	-----

CONTO DO CAVALEIRO



Aquí começa o Cavaleiro a contar

*Iamque domos patrias, Scitihice post aspera gentis
Prelia, laurigero, Etc.⁽²⁾*



m dia, assim nos conta quem morreu,
Havia um certo duque, um tal Teseu,
Governador de Atenas e senhor,
E no seu tempo um tal conquistador
Que o tinham por primeiro sob o sol.

Tomou de ricas terras o escol;

⁽²⁾ O moto, encontrado em muitos manuscritos de Chaucer, é retirado de Estácio (*Tébaida* 12.519-20), onde se descreve o regresso do herói vitorioso a Atenas.

Galhardo era ele, e ilustrado,
 Que o chão das Amazonas, afamado,
 Que em tempos fora Cítia, conquistou,
 E Hipólita, a rainha, desposou, 10
 Com ela regressando da colónia
 Com toda a pompa e toda a cerimónia.
 Também com sua irmã mais nova, Emília,
 Enfim, com toda a glória e em família,
 Vos deixo o nobre duque de regresso
 Co' a hoste para Atenas em sucesso.
 Decerto, se não fosse um longo feito,
 Contar-vos-ia a fio e a eito
 O modo como o fêmeo chão cedeu
 Às mãos dos cavaleiros de Teseu; 20
 E o rumo da batalha tão insólita
 Que opôs os de Teseu às de Hipólita;
 E o cerco que foi posto à formosa
 De Cítia, a rainha corajosa;
 Das bodas tão festivas do casal,
 E a volta acossada a temporal;
 Mas por agora deixo esse relato.
 Um grande campo, sabe-o Deus, está apto
 Pra arar e os bois estão fracos pra puxar.
 Do conto ainda há muito que contar. 30
 Não quero que ninguém se descontente;
 À vez será a vez de toda a gente,
 E assim se vê no fim quem ganha a ceia;
 Retomarei, assim, a minha ideia.
 O duque, o tal que eu vim de mencionar,
 Assim que estava prestes a chegar,
 Em toda a dita, em todo o seu orgulho,
 Notou, pelo recanto do seu olho,
 Prostradas pela estrada, ajoelhadas,
 Um grupo de mulheres, emparelhadas, 40
 Às duas, após outra, em negras vestes,

Carpindo *uis* e *aís*, mas tão agrestes
 Que nunca se escutara assim tão fundo
 Nenhum vivaz lamento neste mundo;
 E ainda se achariam em tragédias
 Não fossem alcançar-lhe à brida as rédeas.
 «Quem sois, que choradeira assim transtorna
 O festival de quem de longe torna?»
 Disse Teseu. «É tanto o que invejais
 Na minha honra, vós, que assim chorais? 50
 Alguém vos ofendeu, alguma agrura,
 Contai-me se há remédio, uma cura,
 E porque usais o negro até à orelha.»
 Falou de entre todas a mais velha,
 Após cair-lhe aos pés de pesarosa.
 Doía vê-la, ouvir-lhe a triste prosa:
 «Vós sois afortunado, meu senhor,
 E o nome mereceis, conquistador,
 A vossa glória, a vossa honra honra-nos.
 E tudo o que pedimos é socorra-nos 60
 A vossa compaixão nas nossas penas!
 Alguma piedade só e apenas,
 De nós vos abeirai, tão desgraçadas,
 Não há nenhuma de entre nós, coitadas,
 Que não fosse rainha ou duquesa.
 Agora, miseráveis, somos presa
 Da roda da fortuna, que nos tira
 Do nosso bem e rumo às penas gira.
 Senhor, há quinze dias aguardamos
 Aqui no templo, a vós vos esperamos, 70
 Aos pés de Clementina, a deusa afável,
 Senhor, rogamos, sede favorável.
A pobre que assim chora e uiva, eu
 Fui outrora mulher de Capaneu,
 O que morreu em Tebas – dia aziago! –
 E todas as que neste estado amargo

Se mostram lamentando o que as turbe
 Perderam seus esposos nessa urbe
 Ao longo desse cerco de tormento.
 E agora o rei Creonte – ó sofrimento! – 80
 Que agora é de Tebas o senhor,
 Tomado pla maldade e plo furor,
 Refém da tirania, por despeito,
 A fim de desonrar todo o respeito
 Devido a quem morreu, amontoou
 Os nossos nobres mortos e obstou
 Aos ritos funerários, e ao insulto,
 Em vez de enterro ou fogo, o justo culto,
 Os corpos dá aos cães que os dão ao nada.
 E alí, acto contínuo, de enfiada, 90
 Caíram sobre a terra num clamor:
 «Senhor, apiedai-vos desta dor,
 Dai de beber ao peito deste pranto.»
 Saltou do seu cavalo o duque santo,
 Sentindo galopar-lhe o coração
 Assim que lhes ouviu a comoção
 E as viu tão enfeitadas de aparência,
 Aquelas de tão nobre procedência;
 E a todas nos seus braços as tomou,
 E de bom grado a todas confortou, 100
 E lhes jurou o bravo de um só lance
 Fazer o que estivesse ao seu alcance
 Pra se vingar do déspota Creonte
 E garantir que o grego sempre conte
 Dos modos de Teseu, do braço forte
 Que trouxe ao mau Creonte a sua morte.
 E sem demora, mostra o seu estandarte
 E monta o seu cavalo, e logo parte
 Pra Tebas com seus homens às dezenas.
 Não queria aproximar-se de Atenas 110
 Nem queria descansar mais que um momento,

Mas pernoitou na estrada, ao relento,
 E enviou Hípólita, a rainha,
 E a bela irmã, Emília, mais novinha,
 Até Atenas, onde as alojou,
 E é tudo, mais não houve; cavalgou.
 De Marte a rubra estátua, lança e tarja,
 Lhe aviva com tal fogo a branca sarja
 Que a terra por que passa torna ígnea;
 E junta ao seu estandarte a sua insígnia 120
 Bordada a ouro, de onde se projecta
 O Minotauro, o qual venceu em Creta.
 Assim cavalga o duque prà campanha
 E o escol de cavaleiros o acompanha,
 Até chegar a Tebas, ao lugar
 Onde gentil se apeia pra lutar.
 E pra atalhar a coisa, enfrentou
 Creonte, o rei de Tebas, e o matou
 Com grande intrepidez em guerra aberta
 E pôs os seus rivais em parte incerta; 130
 Depois tomou a urbe de assalto,
 E não deixou pilar nem viga ao alto
 E devolveu às damas os bocados
 Achados dos maridos malogrados,
 Assim se sói fazer-se, pra exéquias.
 E descrever o luto e as obséquias
 Seria bem penoso, a comoção
 Que as damas visitou na cremação
 Dos corpos, e o tributo e o louvor
 Que Teseu, o real conquistador, 140
 Concede às damas, quando se despede;
 Mas certa contenção aqui se pede.
 Quando o egrégio duque, o bom Teseu,
 Matou Creonte, e Tebas lhe venceu,
 Ainda nesse campo pernoitou,
 Dispondo do país como achou.

Por entre a extinta pilha da carnagem
 Em busca de armadura e roupagem
 Cataram os necróforos funestos
 Os mártires da batalha e os seus restos. 150
 E assim se deu acharem empilhados,
 Na polpa coalhada alfinetados,
 Dois jovens cavaleiros lado a lado
 Usando igual brasão, assaz ornado;
 Arcita, de um deles era o nome,
 Do outro cavaleiro, Palemone.
 Não estavam nem bem mortos, nem bem vivos,
 Mas plos brasões e plos dispositivos
 Estimaram os arautos com certeza
 Estar-se perante pura realeza 160
 De Tebas, e de irmãs os dois nascidos.
 Da pilha de cadáveres recolhidos,
 Levaram-nos prà tenda de Teseu;
 E este por seu turno os devolveu
 A Atenas, e directos prà prisão
 Perpétua – sem lugar a haver caução.
 quando o nobre duque assim o fez,
 Juntou o seu exército e de vez
 Regressa com os louros da vitória;
 E ali vive ele em gozo e em glória 170
 O resto dos seus dias; que mais queria?
 E numa torre, em dor e agonia,
 Arcita e Palemone, os dois parentes,
 Sem ouro que os resgate, rangem dentes.
 nisto o tempo passa e se demora,
 Até que um mês de Maio, pela aurora,
 Emília, mais formosa do que o lís
 Que em verde caule sobe da raiz,
 E fresca mais que o Maio todo em flor –
 A rosa até lhe inveja a sua cor, 180

E nem eu sei escolher qual a mais bela –
 Saúda o débil dia, assim ela
 Fazia por rotina, já aprumada,
 Pois Maio torna dura a almofada.
 A estação constringe o peito grácil
 E fá-lo despertar de forma fácil,
 E diz «Acorda, faz o que é preciso».
 Emília assim o fez, e de improviso
 Saiu da cama, honrando o mês de Maio.
 Vestiu-se em tons alegres, qual catraio: 190
 O seu cabelo louro entrançado
 Nas costas, um bom metro estimado.
 E no jardim, chamando o sol a si,
 Caminha para ali e para aqui,
 Apanha flores, de nívea cor e rubra,
 Pra urdir uma grinalda que a cubra;
 E a voz com que cantava era de anjo.
 A torre, que era rija de arranjo,
 E que era do castelo o baluarte
 (Ali os cavaleiros estão à parte, 200
 Os tais de que contei o quase fim),
 Fazia de muralha ao jardim
 Aonde Emília vinha passear-se.
 O sol também saiu pra vir mostrar-se,
 E Palemone, o triste prisioneiro,
 Achando a permissão do carcereiro,
 Subira a vaguear na alta câmara,
 A qual servia quase de antecâmara
 Prà nobre cidadela, prò vergel
 Por onde Emília, branca e donzel, 210
 Passava para cima e para baixo.
 Pois este Palemone, cabisbaixo,
 Passeia pela câmara sem rumo
 Chorando pra seu gasto e seu consumo.

«Ai eu, ai que nasci!», dizia ardente.
 E assim aconteceu, fortuitamente,
 Topar, por entre os ferros da seteira,
 Tão espessos quanto traves de madeira,
 Emília a passear, e um «Ai!» soltou
 Num lívido palor que acompanhou 220
 Uma pontada grande no seu peito.
 E com esse «Ai!», Arcita sai do leito
 E lhe diz: «Que se passa, primo meu,
 Que aflição te corou, que aconteceu?
 Porque gemeste? Quem te maltratou?
 Que Deus nos valha, a sorte nos ditou
 A nossa reclusão, não há saída
 Senão sofrermos juntos esta vida.
 O mau humor decerto de Saturno,
 Algum acaso astral quis, por seu turno, 230
 Provar-nos, pese embora o execrássemos;
 Quem sabe os céus no berço os errássemos.
 Agora é suportá-lo; fim da história.»

 réplica foi pronta e peremptória:
 «Meu primo, a verdade é só esta;
 Revelas neste assunto pouca testa.
 Se suspirei, não foi por estar aqui,
 Mas sim pela beleza do que vi,
 Que me tomou o ar que me sustenta.
 A causa do que me arde e me apoquento 240
 Encontra-se naquele horto ali,
 E dama mais formosa nunca vi.
 Se é deusa, se mulher, não faço ideia,
 Mas Vénus de certeza se passeia.»
 E nisto de joelhos se prostrou,
 E disse: «Vénus, faça-se o teu querer;
 Se aqui te aprouve vir assim mutável
 A esta criatura miserável,

Liberta-nos das grades da masmorra.
 E se me cumpre a vida que aqui morra 250
 E o cárcere decreta vassalagem,
 Pedimos que intercedas pla linhagem
 Que a tirania tanto humilhou.»
 Arcita viu então onde se achou
 Aquela que lá fora passeava,
 E o belo que ele viu quase o matava,
 E se o seu primo estava em mau estado,
 Arcita não ficou mais bem tratado.
 E disse numa ânsia pesarosa:
 «Apunhalou-me o espinho desta rosa, 260
 Daquela que além anda e já me enlaça;
 E a menos que me valha a sua graça,
 E não desejo mais que apenas vê-la,
 A vida assim não quero mais vivê-la.»
A isto, Palemone, desdenhoso,
 Em troca respondeu num tom nervoso:
 «Tu estás a sério, falas a gozar?»
 «**S**ério», disse Arcita, «sem brincar!
 Que Deus me ajude e nunca me abandone». 270
Postrou a isto o cenho Palemone.
 «Feria a honradez ver-te impostor»,
 Falou, «ou ver-te agora um traídor
 Perante mim, teu primo e teu irmão,
 Havendo nós jurado com paixão
 Jamais, e nem na roda da tortura,
 E até que a morte venha, foi a jura,
 Nos termos por tropeço na paixão
 Nem noutro caso algum, meu caro irmão,
 Mas antes sermos mútuos no amparo,
 E cada um ser de outro o anteparo – 280
 Negá-lo tu não podes, sabes bem;
 Jurámo-lo os dois e tu também.

Assim, deveras és meu confidente,
 E agora te comportas falsamente,
 Disposto a seres lacaio de quem amo,
 Daquela a que sirvo e reclamo.
 Arcita, seu farsante, não o aceito.
 Amei-a eu primeiro, confessei-to,
 Julgando confessá-lo ao meu irmão
 Pra, como disse, dares-me a mão, 290
 Pra isso te fizeram cavaleiro,
 Armado com o fito por inteiro
 De lealdade, a menos que o fingisse».

 isto Arcita opôs-se e logo disse:
 «Mais falso tu serias, mais do que eu;

E sem rodeios, falso, o nome é teu,
 Tomei-a para mim antes de ti.
 Que dizes? Afinal, pelo que ouvi,
 Não sabes se é mulher ou mesmo deusa!
 O teu ardor é santo e a endeusa, 300

O meu é mais terreno e humano;
 Dei conta desse estado mais mundano,
 Por seres o meu irmão de juramento.
 Que tem que invoques tu adiantamento;
 Não sabes o que diz o bom letrado:
 “Quem há que ponha leis no apaixonado?”
 O amor é lei maior, de entre as leis
 Que a todos regem, míseros e reis;
 Por isso a lei do mundo e a sua norma
 As vence sempre o amor, de toda a forma. 310

Ao homem cumpre amar, é a sua sorte;
 Não escapa desse amor, nem pela morte,
 Seja ela jovem, viúva, até casada.
 Nem é de crer que um dia seja dada
 A opção de lhe falares; eu tampouco;
 Pois sabes muito bem, não és tão louco,

Que a vida ao calabouço nos condena;
 Bem sabes que é perpétua a nossa pena.
 Espumamos como cães perante um osso
 Que os pôs em luta amarga; que é do almoço? 320
 Lá veio um papagaio entretanto
 E leva-lhes o osso pra seu espanto.
 Portanto, camarada, na prisão,
 É cada um por si, não há opção.
 Pois ama, se quiseres, e deixa amar;
 É tudo, caro irmão, e, pra acabar.
 Penar nos resta aqui nesta prisão,
 E cada um de nós o seu quinhão.»



oi grande e longa a luta entre os dois;
 Contá-lo talvez fique pra depois. 330
 Mas directo ao assunto. Deu-se um dia,
 Pra pô-lo tão sucinto quanto queria,
 Que um nobre duque, um tal de Peroteu,
 Amigo de infância de Teseu,
 O duque, uma visita lhe prestara
 Em Atenas; a tal se acostumara
 Por diversão, mas mais por amizade,
 Que havia entre os dois fraternidade,
 Chegados que eram ambos e dílectos.
 E tanto assim, se livros estão correctos, 340
 Que um deles morto, o outro foi deveras
 Buscá-lo ao fim do mundo, ao fim das eras –
 Mas essa narrativa não me incita.
 O duque Peroteu amava Arcita,
 E em Tebas conhecera-o bastamente,
 E, enfim, depois de súplica insistente
 Logrou, e sem resgate ou caução,
 Que o duque o libertasse da prisão
 E sem quaisquer ressalvas, livre de ir
 Aonde entenda, assim ireis ouvir. 350


 as nisto concordaram, ele e Arcita,
 Em cláusula tão clara quanto escrita,
 Que se algum dia Arcita fosse achado
 Em terras de Teseu e apanhado,
 Seria, fosse dia, fosse noite,
 Detido e condenado ao açoite
 Da espada e da pena capital.
 E sem recurso algum que não mortal;
 E assim pra casa foi. Mas atenção
 Que o seu pescoço vale de caução!

360


 dor maior Arcita foi sujeito!
 Que sente a morte às turras no seu peito;
 Pois chora, uiva, clama, tão soturno;
 Matar-se, espera, assim que oportuno.
 E disse: «Morra o dia em que nasci!
 Pior prisão, enfim, não conheci;
 Agora me reservam este eterno
 Não digo purgatório, mas inferno.
 Se amigo não fosse eu de Peroteu
 Estaria na masmorra de Teseu,
 E ali feliz embora agrilhado
 Seria, não infausto e desolado.
 Somente ver a tal que eu não mereça
 Embora ao seu serviço me ofereça,
 Viria erguer aquele que tombou.
 Meu primo, Palemone», suspirou,
 «Venceste, és tu nisto campeão
 Feliz podes ficar nessa prisão –
 Prisão? Melhor dizendo, paraíso!

370

A boa da fortuna é só sorriso
 Pois dela tens o rosto e eu a ausência.
 Pois já que dela tens a permanência
 E já que és cavaleiro, nobre e hábil,
 Possível é que a sorte, vária e lábil,
 Te atenda alguma vez o teu pedido.

380

Mas eu, que sou estéril e banido
 De toda a graça, e neste desalento
 Não acho criatura nem alento
 Terreno, ígneo, líquido, aéreo,
 Que aqui me valha, ou traga refrigério, 390
 Bem posso eu morrer nesta agonia.
 Adeus, desejo, vida, alegria!



Enfim, porquê da queixa a frequência
 Acerca da divina providência
 Que traz o mais amiúde e o mais variado
 Tão mais do que é possível ser pensado?
 Um homem ambiciona ter riquezas,
 A causa de homicídio ou fraquezas;
 Um outro sai do cárcere folgado
 Pra ser no próprio lar plos seus linchado. 400

Em tudo espreitam males infinitos.
 Não sei o que pedimos expeditos;
 Agimos como alguém com grão na asa.
 O bêbado bem sabe que tem casa,
 Mas para lá chegar é um sarilho,
 E sabe escorregar bastante o trilho.
 Assim o nosso trilho neste mundo;
 Queremos muito um júbilo fecundo,
 Mas muito nos traímos, realmente.
 Daquí se tira, eu, especialmente, 410
 Que tinha para mim a convicção
 Que se me visse livre da prisão
 Seria um prazer e a plenitude,
 Que vim viver pra triste latitude,
 Distante, pois, de Emília, a minha vida,
 Pra negro desespero sem saída.»



o outro lado o primo tão eremita,
 Que quando deu por falta de Arcita
 Tamanho uivo faz que a torre inteira
 Ressoa o seu clamor e a choradeira. 420

Até nos tornozelos os ferrolhos
 Se achavam tão salgados quanto os olhos.
 «Ai eu!», disse ele, «Arcita, primo meu,
 Da nossa lida o lucro é todo teu.
 Agora em Tebas livre te passeias,
 Não sofres como eu, por nada anseias.
 E podes bem, que és forte e prudente,
 Juntar a nossa casa, a nossa gente,
 E combater com garra a cidade,
 Logrando acaso e com facilidade 430
 Tomá-la por mulher e por senhora,
 O que seria a minha morte agora.
 Pois no que toca à mera perspectiva,
 E já que és livre, e nada te cativa,
 E és senhor, vantagem tens sem preço
 Em relação a mim que aqui feneço.
 Pois quanto viva resta-me chorar,
 Com o que a cela tenha de pesar
 E quanta dor de amor vier de sobra,
 O que o pesar aumenta e redobra» 440
 Com isso se acendeu nele o ciúme,
 E lhe invadiu o peito de queixume,
 E tanta ira ardía no olhar baldio
 Que um buxo parecia ou um rescaldo.
 Então disse: «Ó divino iracundo,
 Que atais com vosso verbo eterno o mundo,
 E engastais na pedra de adamante
 A vossa decisão sempre actuante,
 Porque vos são mais dóceis homens nados
 Do que ovelhas que acuam nos cercados? 450
 Não são assassinados de igual guisa,
 Não são engaiolados numa prisão,
 Não sofrem aflições, não adoecem?
 E quantas vezes culpa não conhecem.

 ue leis existem nesta presciência
 Que afligem a inocente inocência?
 E isto só aumenta o meu sofrer,
 Que ao homem o detenha o seu dever
 E Deus o livre e guarde de desejos
 E ao animal não poupe os seus ensejos. 460
 E quando um bicho morre dor não tem;
 O homem, quando morre, sofre bem,
 E não importa quanto aqui sofresse.
 Decerto o caso pode bem ser esse.
 Respostas aos teólogos as deixo,
 Mas neste mundo eu sei do que me queixo.
 Que dor de ver serpente ou ladrão
 Que faça mal a um homem de excepção
 Fugir em liberdade por seu turno.
 Mas se eu estou preso, devo-o a Saturno, 470
 E a Juno, ao seu ciúme e loucura,
 Que quase destruiu a casta pura
 De Tebas mais os muros devastados;
 De Vénus sofro golpes de outros lados,
 Por zelo e receio deste Arcita.»

 e Palemone eu cesso um pouco a escrita,
 E deixo-o na prisão, onde o encontrei
 E mais de Arcita agora contarei.

 Verão passeia, as noites mais compridas
 Duplicam as pontadas e as feridas 480
 Dos nossos prisioneiros do amor.
 Não sei quem mais tortura a sua dor.
 Pois este Palemone até que morra
 Perpétua pena cumpre na masmorra,
 A ferros e a grilhetas condenado;
 E Arcita vive a pena do exilado,
 E arrisca a cabeça se quiser
 Voltar a ver o rosto da mulher.